

O MAJOR LULÚ DE QUEIROZ

(Com a devida vênia, transcrevemos do "Correio Paulistano", de São Paulo, este primoroso trabalho de Pelágio Lobo traçando o perfil de uma veneranda figura da velha Campinas).

No ról dos homens de incomensuravel dedicaçãõ à miséria humana, desses que praticam a caridade com sacrificio do seu sossego e do seu conforto, expondo-se ao contato permante com a miseria e às doenças mais horripilantes, não sei de nenhum que emparelhasse com esse vulto do major Lulú Pereira de Queiroz, aqui falecido há vinte anos. O sacerdocio católico está cheio de nomes benemeritos que se impõem à veneraçãõ das gerações presentes, como se impuseram à das passadas - e na assistencia aos leprosos os dois padres Pachecos, de Itú, Antonio e Bento, tem lugar de destaque, porque ombreiam com essas figuras de legenda, catalogadas entre os santos, que nós encontramos singela e abundantemente biografadas pelo pregador dominicano frei Jacobus, na "Legenda Sanctorum" escrita no seculo XIII e depois derramada pelo mundo e pelos seculos seguintes na versãõ francesa, em que o frade tem o nome de Jacques de Voragine.

Essas histórias e as rememorações desses vultos tutelares da humanidade tiveram no periodo medieval uma influênciã enorme e contribuíram para elevar o senso de solidariedade humana a uma altura que fez esquecer os horrores e o sangue das persiguições pagãs dos primeiros séculos. Não vamos equiparar aquelas figuras com

O MAJOR LULÚ DE QUEIROZ

(cont.)

- fls. 2 -

as atuais, mas podemos colher de alguns exemplos bem próximos de nós a lição que pode servir de consolo aos homens desta geração, um tanto incredulos sobre as virtudes afetivas de seus semelhantes. Em geral não percebemos a beleza sugestiva dessas vidas de devotamento à miséria alheia porque os seus embates e a proximidade em que nos encontramos, nos tiram o poder da medida e a distancia necessária para uma exata aviliação.

Com o correr dos anos, pesando-as bem e recompondo, de memória, o que sabemos e o que sabem os outros, é que experimentamos uma estonteante surpresa e indagamos, edificadnos: - Como é que um homem desse estofo moral, dessa imensa faculdade de devoção aos miseráveis, passou assim despercebido, e confundido na grande massa que conheci e quase nivelado com seus heterogeneos componentes?

Mas vamos ao homem, que esse oferece, na simplicidade da sua vida e no total desapego a honrarias e confortos, o melhor assunto para uma edificante biografia.

o o o o o o

Conheci bem o major Lulú de Queiroz, e desde menino me habituei a vê-lo, nos empregos que ocupou na antiga Intendencia Municipal de Campinas, sem arredar pé da

cidade nas épocas de calamidade pública e sem se afastar dos amigos e correligionários nas horas duras, de luta ou nas incertas de perigo. Era dessa falange, felizmente não extinta - e que, graças a Deus, jamais se extinguirá - dos que entram nos partidos, nos trabalhos e obras de interesse geral, com o único fito de servir e servir bem, sem excusas de comodismo nem evasivas jeitosas de ultima hora.

Nasceu Luiz José Pereira de Queiroz em Jundiá, em abril de 1847 e era o 13º filho do capitão José Pereira de Queiroz, tronco de uma prole numerosa em que se entrelaçavam os Prado, os Queiroz Teles, Queiroz Aranha, Queiroz Lacerda, Queiroz Guimarães profusamente catalogados na Genealogia Paulistana de Silva Leme, tit. dos Marais VII).

São troncos egregios, de que repontam nomes ilustres cheios de contribuições ao progresso de S. Paulo e com destacada atuação na Monarquia e na República. Filho de fazendeiro, criado em fazenda de café, foi mandado a Itatiba para ali fazer o curso das primeiras letras. Poderia fazê-lo na própria cidade, em que havia boas escolas, mas foi mandado para mais longe, pois seu pai soubera, por denuncia de pessoas da casa, que o menino Lulú, iludindo a vigilância de todos, ia frequentemente visitar o preto Adriano, antigo escravo da fazenda "Pau a Pique", que o capitão Pereira de Queiroz fisera alojar em casa retirada, para isola-lo dos outros escravos, devido à lepra que deformava o infeliz escravo com suas horrorosas manifestações.

O menino filho do fazendeiro, compadecido do n

O MAJOR LUIZ DE QUEIROZ
(cont.)

- fls. 4-

enfermo e indiferente ao aspecto daquelas chagas que, para a maior parte da gente, era repulsivo e atemorizante, fazia caminhadas continuas e dava ao leproso o consolo de uma visita, fornecendo-lhe comidas, guloseimas e bebidas que arrebanhava de sua casa.

O fato determinou medidas de maior vigilancia da parte do pai, muito embora fosse este, como era toda a gente do seu sangue, de reconhecida generosidade com os necessitados de sua terra.

Mas aquela vocação para tão perigosa assistencia, num menino que andava então nos seus oito ou nove anos, encheu a familia de temores e Lulú de Queiroz foi preventivamente "exilado" para Itatiba, antiga Belém de Jundiaí.

O preto escravo, entretanto, foi beneficiado por aquele devotamento, pois o dono da fazenda redobrou de cuidados na assistencia que lhe prestava, pensando sempre nos exemplos que do filho recebera. Completados os estudos preliminares em Jundiaí, foi fazer prática de comercio de café na Corte e ali trabalhou num estabelecimento do Visconde de Estrela. Regressou ao torrão natal com 18 anos e foi negociar em café.

Impressionado, entretanto, pela sorte dos doentes do "mal de Lazaro", fez construir, à sua custa, no sitio do "Currupira" uma fila de casinhas de madeira e deu-as em

O MAJOR LUIZ DE QUEIROZ
(cont.)

- fls. 5 -

alojamento aos doentes - os de Jundiá e os itinerantes, que faziam caminhadas enorme a recolher esmolas. Quem já morou no interior, em fazendas ou em cidades, deve conhecer de ciência própria o que eram esses cortejos sinistros, em que os casais, tantas vezes, se faziam acompanhar de filhos pequenos, já contaminados e dormiam ao léo, nas estradas públicas, dando-se por felizes quando topavam no caminho um rancho ou um abrigo coberto de sapé.

Mudando-se para Campinas, apesar da situação social de larga prosperidade de irmãos e cunhados, que ali possuíam fazendas de café apontadas como as melhores do Município, então em pleno fastígio de sua riqueza agrícola, Luiz José Pereira de Queiroz, já casado e com muitos filhos, empregou-se numa das repartições da Municipalidade, como ajudante de procurador, logo depois de procurador.

O cargo lhe foi dado, não só pelos títulos de competência que oferecia, pelo valimento da família como, principalmente, pelas relações e intimidade que desfrutava e entre os proceres republicanos, dos quais se fizera correligionário dedicado e foi sempre companheiro leal e firme. A esses títulos se acrescentava um outro, que não deve ter sido dos menores: edr. Ricardo Gumbleton Daunt, que era vereador monarquista dos mais aguerridos, e médico dos mais conspícuos, conhecera de passagem por Jundiá, a vila de casas de madeira que Lulú de Queiroz ali tinha feito edificar no sítio

O MAJOR LUIZ DE QUEIROZ

(cont.)

- fls. 6 -

"Currupira" e sentiu que aquela vocação missionária do moço jundiaiano, já atestada desde a meninice, estava a indica-lo para a administração do Asilo de Morféticos que em Campinas existia e funcionava desde anos remotos. Assim, empregou-se ele na Camara e foi logo investido da administração do hospital, situado no bairro do Piçarrão. E ali, durante vinte e cinco anos, sem interrupção e sem mostras de fadiga desenvolveu uma atividade que lhe apontou o nome do acatamento e ao respeito de toda a cidade. Era o administrador que se desvelara na assistencia aos "seus doentes". Com eles se misturava, a favor deles pedia alimentação e medicamentos, ali promovia festas religiosas, missas e novenas e dava-lhes, principalmente, o conforto moral de sua companhia, sem reservas, sem disfarces, sem mostra de temor. Para a assistencia médica encontrara ele na pessoa do dr. Guilherme Bolliger um companheiro resolutu, e dos mais competentes. Faziam-se eles transportar em veiculos da Prefeitura, nos bondinhos de carne do Mata-douro e muitas vezes em carroças, quando não faziam a extensa caminhada a pé. O dr. Bolliger, durante algum tempo, como outros médicos da cidade, fazia suas visitas a cavalo. Ganhava o médico uma quantia irrisoria por esse serviço, e não reclamava porque o administrador não ganhava mais do que ele. Para cargos desses nunca há pretendentes: a "corrida" é, quase sempre, para os postos burocráticos, de pou

co esforço e nenhum risco. Ninguém jamais lhe disputou o emprego; reconheciam todos que homem daquele feitio, com aquele soberano desprezo pelo perigo de um contágio (já havia quem acreditasse que o mal de Hansen "pegava" só com o olhar), que se assentava no mesmo banco e conversava com os doentes e pilheriava com eles - homens daquele feitio não se encontravam à mão. Interrogado algumas vezes por amigos se não temia a molestia, vindo ele a ficar no mesmo estado dos seus pupilos. Lulú de Queiroz respondia com firmeza: - Em mim isso não pega. Deus me protege! Se a doença pegasse, eu estaria, desde menino, no hospital..."

Considerava-se refratário - e por isso evitava aproximações com os seus doentes. No hospital tinha com padre, comadres, doentes prediletos. Nunca aparecia ali com as mãos vazias. O que a Prefeitura lhe pagava, era por ele dispendido em frutas, cigarros e, até, bebidas. Muitas vezes pela sua repartição passava o dr. Bolliger e informava: -"F. sua comadre, está por pouco. A pneumonia acaba com ela. E só fala no sr..." Lulú de Queiroz largava o serviço e, de carro ou a pé fazia aquele estirão de dois quilômetros - e ia dar o consolo da sua presença à pobre de Cristo que estava para se libertar da vida. Quando podia levava consigo um padre, muitas vezes o padre Ribas. Se não achava sacerdote ia sózinho. Dava ele a assistência da última hora e acompanhava os outros doentes, já bem práticos, na oração dos agonizantes...

Um dia como uma bomba, rebentou na cidade uma nova angustiante: na Tesouraria Municipal de que ele era o chefe e o responsável, aparecera um grande desfalque feita a

verificação apurou-se que havia, com efeito, de longa data, uma diferença de varias secções que na dele se des carregavam. Contribuintes que não podiam pagar impostos, em periodos de crise, pediam que ele retivesse os talões de cobrança - e ele atendia. Atendia, mas ficava responsável pela falta...

Consigo, mesmo, muito pouco dispendia. Sua vida era modesta e sem rasgos de ostentação. Ele, mesmo, ficou perplexo ainda quando os devedores, cujos talões estavam "pendurados", fizeram-se de esquecidos e deixaram de acudir ao convite para o pagamento. E Lulú de Queiroz carregou sózinho com o enorme peso do desfalque e com o peso muito maior e opressivo do desconsolo de sentir que, naquela catastrophe, pouquissimos amigos e protegidos tiveram animo de lhe dar o conforto de uma visita - e ele que não fizera outra coisa, na vida, senão confortar os coitados, cobertos de chagas e deformidades horripilantes. Esses serviços não foram computados a seu favor, nem ele os alegou ou reclamou. Pediu prazo - e possível lhe seria pagar, o que era debito seu e o que não era, mas descarregado em sua conta. E, em menos de um ano se despojou de tudo - de tudo - casa, mobilia, joias de familias, e os sítios que possuia em Jundiá, o "Currupira" e o "Engordador" dos quais tirava renda parca em fornecimento de lenha à C. Paulista. Tudo se foi na voragem, mas teve a única satisfação que a velhice lhe reservara - pagou o que lhe era exigido até o ultimo vintém. E ficou reduzido à completa

O MAJOR LUIZ DE QUEIROZ

(cont.)

- fls. 9 -

miséria.

Aquele descalabro que, para alguns folicularios de mau sangue constituiu assunto para apreciações pejorativas, teve, todavia, como lenitivo a choradeira dos leprosos, únicos que verdadeiramente lamentaram sua saída -talvez porque os únicos que dele poderiam ainda esperar prestimos e favores. Mas não lhe faltou de alguns amigos e parentes a assistência e a solidariedade integral de sua esposa, senhora de virtudes acrisoladas que, naqueles transes foi a companheira e socia do marido em todos os momentos. Recolheram ambos a São Paulo e aqui Mulú de Queiroz faleceu, vai para 20 anos, pobre e esquecido. Sua mulher, d. Chiquita, faleceu o mês passado, com 92 anos. São memórias impereciveis e Deus, certamente, lhes terá dado o premio que conquistaram, ele principalmente, pela abnegação santificante com que deu abrigo aos morfeticos e pela resignação com que enfrentou a borrasca que lhe consumiu o pobre patrimonio e lhe cobriu de oprobrio e desconsolo os últimos anos de vida.

Concis Popula - Campinas 19-XI - 1948